

O FILME NA ESCOLA: ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NO COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de pesquisa de mestrado que teve como objetivo investigar a utilização do filme na escola. O estudo envolveu professores e alunos do Colégio Militar de Brasília, Distrito Federal. Foram analisadas as condições materiais, a rotina, as práticas, os conceitos e a presença dos estudos em cultura visual na relação de ensino por meio do filme. Analisou-se se os recentes Estudos em Cultura Visual que encontram reflexo no esforço educativo realizado pelos professores do Colégio Militar de Brasília na utilização do filme. Entre resultados desta investigação, destacou-se a necessidade atual de educar uma visão ampliada aos estudos do contexto da visualidade do filme, independente de considerar seus objetos e sujeitos como arte, e à análise da influência da visualidade em geral nas práticas sociais e na construção de subjetividades como fundamentos que perpassam o campo dos Estudos Visuais, da Cultura Visual e o uso educativo neles baseados.

Palavras Chave: Filme. Cultura Visual. Educação em Artes Visuais.

ABSTRACT

This paper presents findings of a Master's study which aimed at investigating the use of film in the classroom. The study had as subject participants some teachers and students from a Brazilian Army Public School located at Brasília in the Brazilian Federal District. The material conditions were analyzed, as well as routines, practices, concepts and presences of visual culture studies related to the use of film in teaching activities. Analyses were made to verify if visual cultural studies found reflex in the teaching efforts performed by these particular teachers who draw from film to implement their teaching processes. Among initial findings of this research, it is noted that there is a contemporary need to educate for a broader view of studying the context of film visualities, regardless of considering its objects and subjects as art or not; and the analysis of the influence of visuality in social practices and in the construction of subjectivities as foundations that underlie the field of Visual Studies, Visual Culture and the educational practices based on them.

Keywords: Film. Visual Culture. Education in Visual Arts

INTRODUÇÃO

Este trabalho se concentra na utilização contemporânea dos filmes comerciais na escola em conformidade com as diferentes abordagens que o professor pode imprimir à película em seu uso cotidiano no ensino fundamental e médio. Justifica-se pela intensidade pela qual os filmes têm participado das aulas das escolas da atualidade, em consequência da incursão das imagens em todos os campos do saber e de sua influência nos processos de produção de significados e nas práticas sociais. Neste sentido, nota-se que, com as relações entre as pessoas e seu ambiente cada vez mais evidenciadas pela dimensão visual, o material didático utilizado pelo professor também tem refletido mais e mais a utilização de imagens e, conseqüentemente, o uso de filmes comerciais no

desenvolvimento de suas atividades educativas realizado nas escolas. O que suscita o problema da adequação e das abordagens possíveis dos filmes comerciais nas aulas, posto que os mesmos não foram produzidos especificamente para serem utilizados na escola.

Portanto, o presente texto discorre sobre diferentes abordagens que o professor pode imprimir na utilização do filme em seu esforço educativo. Ademais, concentra-se especialmente no exame da utilização dos filmes comerciais realizada pelos professores do Colégio Militar de Brasília (CMB) em suas atividades educativas levando em consideração sua abordagem como objeto pedagógico, cultural ou de estudos da cultura visual. Por meio desta investigação questiona-se se a prática de uso de filmes na escola utilizando a abordagem dos estudos de cultura visual, cuja literatura é relativamente recente, já se encontra como atividade estabelecida no cotidiano escolar. Deste modo, a perspectiva de analisar a presença e a utilização do filme na escola da atualidade, essencialmente em relação à abordagem prática que os professores empregam ao exibir o filme, bem como a aplicação de conceitos pertinentes aos estudos de cultura visual estruturaram este trabalho. Para tanto, esta pesquisa se concentrou na utilização do filme no cotidiano escolar do CMB

A eleição do CMB para a realização do estudo de caso, e em especial do Cineclube deveu-se, principalmente, à curiosidade e ao encantamento com a presença de um cineclube na instituição. Um cineclube, tradicionalmente focado na análise e no debate do objeto fílmico, bem como pelo estímulo à interpretação e a reflexão sobre o filme, não parecia harmonizar com o tipo de ensino reconhecido como preparatório às escolas militares, impresso pelo Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), do qual o CMB é integrante.

No desenvolvimento deste estudo consideramos que o trabalho com filmes nas salas de aula brasileiras tem crescido a despeito das dificuldades técnicas, materiais, conceituais envolvidas desde a formação de professores até a sua utilização, como também políticas públicas específicas para a área e também. é evidente que professores e alunos possuem cada vez mais acesso a bens que proporcionam a exibição de filmes nas aulas e o interesse em atividades educativas dinâmicas e atraentes, que movimentam os ânimos da comunidade escolar.

Inicialmente este texto qualifica e delinea as características do CMB na utilização de filmes comerciais nas atividades educativas exercidas por seus professores, exibindo-os parcialmente em suas aulas regulares e também integralmente num cineclube. Em seguida discorre brevemente sobre os estudos visuais e a cultura visual

tecendo delineamentos sobre cada um deles, como forma de fundamentar as observações sobre a abordagem do filme como objeto de estudos da cultura visual tratadas neste estudo. Mais adiante descreve a presença do filme na escola, considerando as características do filme educativo e do filme comercial. E finalmente oferece três abordagens da utilização do filme comercial na escola e trata das características de cada uma: abordagem do filme comercial como objeto pedagógico, como objeto cultural e como objeto de estudos da cultura visual

O CINECLUBE DO COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

O CMB foi escolhido por ser uma instituição de ensino cuja estrutura física permite, e até mesmo facilita, a exibição de filmes aos alunos. A eleição da escola também considerou os índices que atestam a excelência na qualidade do ensino oferecida, inferindo que estes resultam essencialmente das atividades educativas propostas pelos professores e realizadas pelos alunos. Atividades estas que englobam os distintos enfoques cunhados pelo educador à utilização dos filmes no ambiente escolar, levando em consideração sua abordagem como objeto pedagógico, cultural ou de estudos da cultura visual. A escolha recaiu sobre o uso do filme na prática educativa do CMB, especialmente nas atividades do Cineclube que integra a miríade de práticas direta ou indiretamente relacionadas ao trabalho pedagógico ofertado aos alunos no CMB e que está à disposição dos alunos do 3^a ano do Ensino Médio. As atividades deste Cineclube são realizadas no contraturno, conforme demanda dos professores do 3^o ano do Ensino Médio e as projeções de filmes se dão no miniauditório do colégio.

O Cineclube se desenvolve essencialmente por iniciativa dos educadores que atuam no 3^a ano do ensino médio. Tal iniciativa é informal e, apesar de ser exercida como prática educativa, não consta do projeto pedagógico da instituição. Vale informar que ele representa uma iniciativa, até o presente, exclusiva dos educadores do CMB, pois não consta que outros colégios militares tenham cineclubes ativos. Além desta atividade cineclubista, outros professores, de anos escolares e disciplinas diversas, eventualmente usam filmes na sua atividade educativa, mas o fazem em suas aulas e não no contraturno e nem tampouco com o uso do miniauditório. Este trabalho concentra-se, portanto, no estudo da abordagem evidenciada pela exibição integral dos filmes comerciais realizada pelos professores no referido cineclube, bem como pelas apresentações parciais dos filmes efetivados pelos outros professores durante suas aulas regulares no CMB.

O CMB faz parte do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), instituição pública federal de ensino. O SCMB constitui-se de um dos subsistemas de ensino do Exército que se incumbem de ministrar a educação básica nos níveis fundamental e médio. É composto por 12 unidades distribuídas pelos diversos estados brasileiros, com mais de 14 mil jovens, matriculados do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, dos quais 37% procedem do meio civil. As práticas didático-pedagógicas em vigor no SCMB subordinam-se às normas e determinações do sistema de ensino do Exército e, em paralelo, satisfazem à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, principal documento de referência, que constitui os princípios e desígnios da educação brasileira.

Como qualquer outra organização militar, o CMB possui uma estrutura hierárquica e curricular formatada e rigorosa. Esta maleabilidade na organização das disciplinas e oferta de conteúdos encontrada do CMB é única na instituição e proporcionou o surgimento de propostas inovadoras no tradicional ensino militar. É o que se pode notar com a criação e manutenção do Cineclube, surgido a partir da iniciativa de seus professores, que extrapola a sala de aula e desenvolve conteúdos disciplinares apoiados em exibições fílmicas e no contraturno.

3. ESTUDOS VISUAIS, CULTURA VISUAL E EDUCAÇÃO EM CULTURA VISUAL

Centrado na variedade de enfoques que o professor pode estampar no uso do objeto fílmico em seu empenho educativo, este estudo oferece três diferentes abordagens, aqui denominadas de abordagem do filme como objeto educativo, como objeto cultural e como objeto da Educação em Cultura Visual. Esta investigação converge para a utilização do filme no cotidiano escolar do CMB e, fundamentalmente, para a aplicação de conceitos pertinentes aos estudos de cultura visual no emprego das películas exibidas pelos professores em suas atividades educativas. Os Estudos em Cultura Visual, matéria relativamente recente e que alicerça a abordagem do filme na escola como objeto de estudos da cultura visual, constitui-se desdobramento estabelecido a partir dos Estudos Visuais e da Cultura Visual, o que justifica a presente revisão de literatura.

As imagens da contemporaneidade se multiplicam, expandem, interconectam e vem gradativamente penetrando todos os campos do saber. Sua circulação pública, livre e quase onipresente toma volume e interfere nos processos de produção de significados e nas práticas sociais. A influência da visualidade conquista espaços sociais e inspira a

necessidade de estudos que atuem na interseção de diversas vias das ciências da arte com o objetivo de analisar sua importância crescente nas sociedades contemporâneas. Mitchell (2003) considera que mudanças no campo da cultura têm provocado alterações nas práticas sociais do ver e do pensar o mundo. Tais mudanças, incrementadas pelo despertar das pessoas para as tecnologias visuais estimularam uma nova área de estudos acadêmicos que incorpora Estudos Visuais, Cultura Visual e Estudos em Cultura Visual.

Com as relações entre o homem e o mundo cada vez mais evidenciadas pelo olhar e a dimensão visual prosperando no cotidiano, os Estudos Visuais formam um campo de investigação científica focado nas conexões entre o homem e a visualidade, além de questionar como as práticas de ver tem influenciado nossa percepção simbólica, entendida como um processo mental no qual o homem organiza, processa, resgata e interpreta informações, nossa construção da visão de mundo e nossa prática social cotidiana. Surgidos aproximadamente na virada do séc. XX para o séc. XXI, as investigações científicas denominadas Estudos Visuais desenvolvidas especialmente por Mirzoeff (2003), Mitchell (2003) e Brea (2006), que abordam a influência social das imagens na constituição da subjetividade humana, bem como analisam os processos de construção cultural da visualidade.

Neste sentido, Brea (2006), destaca que o surgimento destas investigações promoveu uma revolução no cenário acadêmico do estudo crítico das práticas artísticas e culturais particularmente por tratar de questões pertinentes às disciplinas clássicas do campo da arte tais como teoria da arte ou estética e história da arte. A territorialidade destas disciplinas que se encontrava mais ou menos estável e reconhecida foi abalada e questionada, uma vez que as ciências da arte se mantinham alheias à nova visualidade presente no contexto social. Brea (2006) é mais enfático na medida em que afirma que os Estudos Visuais possibilitam o entrelaçamento das disciplinas clássicas das ciências da arte, ao mesmo tempo, trata da indefinição de seus contornos, em uma perspectiva crítica e contextualizada. Para ele, o desbordamento dos limites disciplinares implica e provoca a necessidade de novas metodologias transdisciplinares que repensem as práticas e suscitem simbolismos e significados culturais. Além do mais, apresenta os Estudos Visuais como um equipamento metodológico que objetiva pensar as imagens pelo atravessamento de questões pertinentes a várias áreas do conhecimento não restritas à arte.

Do campo ampliado e difuso dos objetos de interesse dos Estudos Visuais encontram-se moda, televisão, games, cinema, histórias em quadrinhos, cartuns, animações, publicidade e imagens estampadas em cadernos, cartazes, *outdoors*, ônibus,

camisetas, capas de CD, mochilas, livros, revistas, jornais e objetos decorativos, ou ainda, presentes em telas de computadores, celulares e *tablets*. E outras ainda que sejam essencialmente, mas não exclusivamente, visuais, bem como os já tradicionais objetos de arte que incorporam esculturas, fotografia, instalações e pinturas. No entanto, os Estudos Visuais acerca destes objetos e imagens, ou seja, da visualidade, focam não os objetos em si, mas, especialmente, as práticas sociais influenciadas pelos objetos da cultura visual. Portanto, o foco reside nas práticas sociais insinuadas pelos objetos da Cultura Visual e na influência que estas práticas exercem na interpretação do mundo das pessoas. Tal influência sugere que pessoas pertencentes à mesma cultura e tocadas pela mesma visualidade interpretem o mundo e se expressem de modo aproximado.

A Cultura Visual é um campo de estudo relativamente recente, surgido em fins dos anos 50, nos Estados Unidos (DIAS, 2011; CHALMERS, 2006). Difundido no Brasil, principalmente, a partir do início deste século, o termo “Cultura Visual” vem sendo utilizado com certa frequência na literatura em artes e em arte/educação, conforme evidencia os estudos de Dias (2011). Já Mirzoeff (2002) engaja a cultura no viés de seus estudos e, por considerar que a visualidade distingue a vida contemporânea, sugere a importância da Cultura Visual como objeto de estudo e como instrumento de compreensão do mundo. Além disso, ele destaca que a Cultura Visual é um campo de estudos que toma a visualidade como arena de criação e discussão de significados.

De modo similar, Domènech (2011) delinea uma concisa história das percepções e discorre sobre o desenvolvimento da cultura e seu paralelo nos sentidos humanos. Ele destaca que a cultura seguiu o curso da oralidade para escrita, inicialmente constituída pela caligrafia, em seguida para a tipografia e por fim pela eletrônica, meios culturais que acionam principalmente o sentido da visão. Paralelo a este desenvolvimento dos meios culturais, evidencia também a mudança do foco do sentido humano na percepção de mundo. Pondera, por exemplo, que no séc. XIX a tipografia, aliada à fotografia, impunham o domínio da visão sobre os outros sentidos, já a partir do séc. XX a difusão da eletrônica inibe a tipografia e expande o audiovisual determinando uma mudança de foco dos sentidos humanos para a visão e audição. Ainda assim, a grande parte dos objetos da cultura produzida nos séc. XX e XXI e difundidos pela eletrônica estimulam essencialmente o sentido da visão.

Para Mitchell o objeto dos estudos visuais é a própria visualidade. A partir disto, considera-se pertinente a atração e o envolvimento de várias disciplinas na área da visualidade atestando a importância que a dimensão visual vem tomando no mundo contemporâneo em seu relacionamento com as práticas culturais. Deste modo, a cultura

visual direciona-se mais ao processo de contextualização e reflexão sobre as imagens do que ao contexto no qual foram produzidas e recebidas. Principia na percepção da visualidade desdobrada em contextos de significados e aborda objetos essencialmente visuais como forma de reflexão cultural e como participantes da construção de sentidos do homem contemporâneo. Neste contexto, a Cultura Visual abrange um vasto leque de objetos essencialmente visuais do qual a arte pode ser vista como um pequeno bocado, além disso, ela sugere o desbordamento dos objetos de alta cultura e cultura popular com a consequente extinção da hierarquia entre eles. Assim sendo, a perspectiva da Cultura Visual extrapola o campo dos objetos artísticos com vistas a atingir também aqueles considerados essencialmente, mas não estritamente, visuais, abordando toda a visualidade e sua consequente influência na produção de significados culturais.

A influência crescente das imagens no cotidiano com reflexos na maneira de entender e se relacionar com o mundo tem influenciado o modo de viver das pessoas, bem como o de professores e alunos. O cotidiano, gradualmente é marcado pela proliferação de imagens que são conectadas de modo rizomático e influenciam o modo de pensar e os processos de ensino da arte. Alguns arte/educadores, em diversas partes do globo, começaram a notar a necessidade e a importância em lidar com estas imagens e a ultrapassar a fronteira da arte de elite em seus estudos artísticos e visuais. De acordo com Duncun “A arte-educação precisa mudar para que possa abordar os efeitos sociais da proliferação sem precedentes da imagética comercial que, atualmente, satura a vida diária em várias partes do mundo” (2011, p. 15). Por sua vez, Dias considera que a arte/educação vem dando espaço aos estudos de cultura visual ao sofrer “mudança radical em direção à educação da cultura visual ao desenvolver novas práticas, epistemologias, identidades, subjetividades, agências e entendimentos do cotidiano.”(2011, p. 22).

É no Séc. XXI, portanto, que se observam vários arte/educadores realizando um deslocamento gradual da pesquisa e da prática de ensino focada nos estudos da arte de elite, para a incorporação do debate sobre os aspectos culturais da visualidade, ampliando “as formas de conhecer e incorporar as questões da visualidade cotidiana nas práticas escolares” (DIAS, 2012, p. 55). Segundo o mesmo autor (2012, p.64-65), o campo de estudos da cultura visual compreende “todos os tipos de representação visual, sejam elas consideradas *arte* ou não”, a cultura visual tem uma “natureza anti-hierárquica”, e seu foco passeia livremente da cultura de elite para as imagens cotidianas, da arte de elite para as artes populares, das imagens técnicas para as artesanais.

A área de atuação dos estudos em cultura visual vai além das categorias tradicionais da história da arte, englobam o mundo das imagens que “expressam e definem nossa forma de pensar” (DIAS, 2012, p. 60). Correspondem à recente prática pedagógica que se ocupa da visualidade cotidiana, com vista a estimular as “práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça” (DIAS, 2012, p. 61).

Permeado por vias transmetodológicas, a Educação em Cultura Visual recebe contribuições de várias áreas do saber e de disciplinas distintas que se entrelaçam dando origem a um novo campo de estudos. Os estudos de cultura visual são transdisciplinares e não estão vinculados a uma só disciplina. Têm como referência o cotidiano, ou melhor, as imagens do cotidiano que contribuem para a formação do imaginário do homem, sendo ricas em significados e sentidos que inspiram e influenciam nossa percepção do eu, do outro e do mundo. Estes significados e sentidos não se prendem a um conteúdo escolar específico, permeiam várias áreas do saber, podem ser ventilados por distintos agentes educativos e debatidos em diversas instâncias escolares com o objetivo de favorecer a formação escolar dos alunos e sua preparação para uma atuação crítica e autônoma frente à visualidade (VER QUADROS 1 e 2).

Quadro 1 - Características da Educação em Cultura Visual na Escola.

Fonte: Dias, 2011 e 2012a; Nascimento, 2009 ; Martins e Tourinho, 2011.

Engloba todos os tipos de representação visual
Foca as imagens que expressam e definem nossa forma de pensar
Lida de forma crítica e criativa com as imagens
Destaca a influência das imagens na construção de identidades e subjetividades
É transdisciplinar e não está vinculado a uma só disciplina ¹

Quadro 2 - Exemplos de atividades práticas no desenvolvimento dos Estudos em Cultura Visual na Escola. Fonte: Dias, 2011 e 2012a; Nascimento, 2009 ; Martins e Tourinho, 2011.

Contextualizar e refletir sobre as imagens
Produzir artefatos, imagens e imaginários a partir da consciência da visualidade

¹ Em princípio os estudos de cultura visual na escola podem estar vinculados a qualquer disciplina curricular. No entanto, pela característica da formação dos arte/educadores e sua vivência acadêmica e profissional com as imagens, é destes a voz mais audível nos estudos de cultura visual na escola.

Analisar relações entre as pessoas e as imagens e das imagens entre si
Evidenciar o enunciador da imagem e seu discurso
Destacar o que foi incluído e excluído da imagem
Deslocar a imagem de seus contextos e compará-la a outros
Comparar a representação do mesmo elemento em diversas imagens
Evidenciar questões de poder
Explorar e aproveitar a vivência imagética trazida pelo aluno
Valorizar o desenvolvimento da interpretação do aluno
Desenvolver qualquer tema, mas especialmente os vinculados à construção da identidade e subjetividades, por estimularem a autonomia do aluno

Por fim, pode-se dizer dentro de uma visão ampliada que o estudo do contexto da visualidade - independente de considerar seus objetos e sujeitos como arte - e a análise da influência da visualidade nas práticas sociais e na construção de subjetividades são fundamentos que perpassam o campo dos Estudos Visuais, quanto são objeto da Cultura Visual e o uso educativo neles baseados: A Educação da Cultura Visual ou Educação da Visualidade.

O FILME EDUCATIVO E O FILME COMERCIAL²

Um filme educativo é um documento audiovisual pedagógico ou didático que deve levar em consideração o todo ou parte do processo de aprendizagem e refletir, mais ou menos explicitamente, os pressupostos educativos da instituição produtora (JACQUINOT, 1996). No entanto, o mesmo não se dá com os filmes comerciais, feitos para o cinema e a TV, e que não se fundamentam em propostas educativas ou em projetos escolares. E, ainda assim, são amplamente utilizados como material didático, apesar de não incorporarem os mesmos princípios dos filmes educativos.

Ao longo do percurso de iniciativas e de controle do Estado no Brasil na produção do filme educativo e a orientação sobre seu uso na escola, nota-se que o filme educativo foi tradicionalmente empregado no direcionamento do olhar do estudante para

² Utiliza-se, no presente texto, a expressão “filme comercial” em oposição aos chamados “filmes educativos”. Neste trabalho, são considerados “filmes comerciais” aqueles produzidos para o mercado cinematográfico. A expressão “filme cinematográfico” poderia ser usada no lugar de “filme comercial”, no entanto, peca porque é redundante. Por sua vez, “filmes educativos” também podem ser comercializados e/ou vistos no cinema. No entanto, o foco desta dissertação motiva diferenciar os filmes produzidos conforme uma proposta educativa e aqueles produzidos apartados de propostas educativas e dirigidos ao circuito comercial de cinema.

os conteúdos escolares e com caráter eminentemente ilustrativo. Mas, também foi muitas vezes utilizado como agente civilizador, um mecanismo voltado para o repasse de conhecimentos e a moralização dos hábitos em consonância com a ideologia pertinente às instâncias educativas ou estatais. Neste sentido, a proposta dos filmes educativos passou longe de preocupações sobre o filme como elemento pertinente a cultura e sugestivo de práticas sociais, e, mais distante ainda do interesse ao estímulo da autonomia do estudante frente aos filmes e outros objetos visuais.

No contexto escolar, é possível estabelecer uma relação do filme educativo com o livro didático, pois, em princípio, ambos são planejados, confeccionados e utilizados de acordo com um projeto educativo, vinculado ao desenvolvimento de conteúdos disciplinares específicos. Os filmes educativos têm sido produzidos no Brasil há várias décadas, com especial destaque para a época da Escola Nova, quando eram confeccionados com o apoio governamental e em conformidade com um projeto político-pedagógico bem definido. Posteriormente, e mais recentemente, os filmes educativos passaram a ser produzidos de modo mais independente, conforme diversas iniciativas públicas ou privadas, a exemplo dos filmes apresentados pela TV Escola, entre outros.

O filme comercial é um objeto da cultura capaz de unir a indústria e a arte, a tecnologia e o entretenimento. Tem cunho industrial, pois as empresas e os profissionais envolvidos na produção, distribuição e exibição do filme almejam retorno financeiro, mas também tem caráter artístico. Morin afiança que “a razão é simples e dialógica: não basta a produção para fazer um filme; é necessário criação, invenção, originalidade, inovação” (2003, p.10).

Popularizado a partir dos anos 80 pelo uso de equipamentos de projeção nas escolas e pela farta oferta de DVDs, o filme comercial torna-se cada vez mais presente nas aulas do ensino fundamental e médio, apesar de não ter sido produzido especificamente para o uso pedagógico ou escolar. Almeida expõe que o filme comercial “é produzido dentro de um projeto artístico, cultural e de mercado – um objeto de cultura a ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado” (ALMEIDA, 2001, p.7).

Atualmente, o professor tem grande facilidade de acesso e disponibilidade de uso do filme comercial, especialmente nas escolas urbanas. Seu uso na educação contemporânea não é centralizado. O professor das últimas décadas tem a liberdade de escolher o filme, e o faz, em geral, com a concordância dos gestores de sua escola e com os membros de sua equipe. Um filme comercial não é produzido de acordo com a

capacidade de raciocínio ou de compreensão do espectador, tampouco é produzido de acordo com o método que alfabetizou o espectador ou em conformidade com a série escolar em que ele porventura se encontre. Em suma, o filme comercial não é produzido com vista à sua utilização em qualquer atividade escolar ou pedagógica específica.

Se há grande diferença na proposta que envolve concepção e montagem de filmes educativos e comerciais, há, por conseguinte, enorme diferença nos seus possíveis e prováveis usos no ambiente escolar. A questão que interessa a este trabalho, portanto, é o uso do filme comercial no debate pedagógico, na medida em que ele não foi produzido especificamente dentro de uma proposta educativa ou pedagógica, embora se encontre na fronteira do conhecimento estudado nas várias disciplinas escolares.

AS ABORDAGENS DO FILME COMERCIAL NA ESCOLA

Objeto pedagógico

As práticas culturais permitem classificar o uso da imagem em seis grandes tipos representativos: as práticas artísticas; as práticas culturais, os fins de divertimento, os fins comerciais, o uso informativo e o uso científico. Esses tipos representativos marcam, segundo Gardiés (2007), as relações existentes entre a sociedade e a imagem, configurando suas diferentes abordagens culturais. Entre esses tipos, observa-se que o caráter informativo da imagem pode estar na raiz do uso do filme como objeto pedagógico, ou seja, como recurso tecnológico, historicamente utilizado para informar e educar. As diversas inovações e invenções que permitiram o aperfeiçoamento da fotografia e, depois, do cinema foram conduzidas por esse grande impulso científico e positivista, que convenceu os contemporâneos de que se estava em posição de compreender a realidade. Por isso, não se surpreende que a imagem tenha sido rapidamente posta a serviço da informação, especialmente com caráter ilustrativo.

O viés ilustrativo acompanha o filme quando ele é utilizado na forma objeto pedagógico, com a função de ilustrar ou apresentar visualmente aos alunos o conteúdo que foi desenvolvido em sala de aula. Por exemplo, como auxiliar na composição de cenários, quer sejam históricos, científicos, sociais, filosóficos ou outros. Ou ainda expondo realidades distantes e trazendo aos alunos imagens de florestas, orquestras, animais, frutos, estuários, hidrelétricas, satélites, fronteiras, favelas, comidas, pontes, feiras, torres, fábricas, objetos, museus, costumes, nuvens, danças, eventos, ou toda sorte de coisas e fatos que o professor pretenda apresentar aos seus alunos como forma de explicitar, reforçar ou desdobrar conteúdos estudados.

No entanto, também pode-se empregar o filme na escola com a intenção de sensibilizar os estudantes, neste caso, o filme age como agente motivador da curiosidade do jovem acerca de um novo tema da disciplina, com vistas a estimular o desejo de aprender e pesquisar o assunto. Ou ainda com o propósito de simulação de situações ou experiências que não são possíveis de ser realizadas na escola. Por exemplo, experiências físicas ou químicas, perigosas, muito caras ou demoradas, de modo que as tornassem incompatíveis com sua realização nos laboratórios escolares.

O emprego de filmes comerciais como objetos pedagógicos conta com várias possibilidades, por exemplo: na Biologia e na Física com filmes de ficção científica ou aventuras em ambientes naturais, na História, com a apresentação de filmes históricos que compõe um tipo de filmografia já consagrada no cinema; na Geografia, ao abordar culturas e lugares exóticos, a representação da vida na cidade e no campo ou problemas ambientais; na Língua Estrangeira, com filmes produzidos em línguas diversas da portuguesa para o exercício de pronúncia, sotaques e vocabulário; na Educação Física, com apresentações de danças, lutas e esportes; na Arte/Educação com biografias de artistas e apresentação de procedimentos, instrumentos e materiais utilizados nas obras de arte, e assim por diante.

Além da sensibilização, há também a ilustração e a simulação referentes aos conteúdos disciplinares. A utilização de um filme como objeto pedagógico também pode abordar diversos temas considerados como interdisciplinares. Sendo assim pode-se trabalhar com os movimentos sociais ou políticos, violência urbana, ética e cidadania, orientação sexual, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural, entre outros. Mas, no uso do filme como objeto pedagógico evidencia-se a imagem como apoio à explicação de conteúdos escolares.

Nos estudos de Almeida (2001) e de Belloni (2001) sobre o uso do filme na escola, verifica-se que eles concordam com o fato de que o filme na escola tem sido frequentemente utilizado como objeto pedagógico. Segundo os autores citados, os professores utilizam o filme para ensinar, mas não ensinam sobre o filme e, muitas vezes, perpetuam o enfoque no qual o objeto fílmico funciona como um espelho que reflete a realidade e que nos conduz diretamente a ela. De acordo com este enfoque, um filme sobre Van Gogh serviria para nos remeter apenas ao homem e ao artista, ao que ele produziu e representou em um determinado momento da história da arte. Essa forma de usar o filme, em um exame que privilegia o assunto tratado e ignora os seus valores artísticos e culturais do longa-metragem. Infere-se, portanto, que o filme, na maioria das vezes, não é observado como objeto propiciador de uma experiência estética por seus

próprios valores. Ao contrário, é utilizado com enfoque fortemente ilustrativo de uma mensagem que se pretende transmitir aos alunos.

Objeto cultural

Na contemporaneidade, a pequena importância dada aos filmes na escola, quando comparado aos livros, é, de certo modo, reflexo da suposição de que a obra cinematográfica não passa de um mero entretenimento. No entanto, obras fílmicas, assim como obras literárias, além de entreterem, propiciam conhecimento, informação, saber e constituem elementos importantes do nosso ambiente cultural. O valor cultural de obras fílmicas é indiscutível, e, de acordo com Duarte isto é razão suficiente para que os educadores se “interessem pela teoria do cinema do mesmo modo como se interessam pela teoria da literatura” (2002, p. 38), e ainda enfatiza que o estudo e análise da linguagem do cinema pode ser uma forma de estimular o gosto pelo filme.

Para Almeida (2001) a abordagem do filme comercial na escola como objeto da cultura ultrapassa o seu frequente uso como objeto educativo. Geralmente, as produções de cinema, vídeo ou televisão no ambiente escolar, são vistas como sensibilização, ilustração e simulação referentes aos conteúdos disciplinares que o professor desenvolve em suas aulas. Evidencia-se, assim, que o filme assume um papel secundário, de ilustração ou de imagem inferior ao texto e à explicação oral. Conforme afirmado anteriormente, saberes e conhecimentos têm sido produzidos e disseminados preponderantemente em função de imagens e sons e, em menor escala, em função do texto escrito. Esta questão atrai educadores ao uso do filme na escola e à sua incorporação à formação dos alunos a exemplo do que ocorre com os textos. Entretanto, é senso comum que o próprio ato de assistir a filmes já seria suficiente para a sua plena compreensão. Segundo esse entendimento, diferentemente da escrita, cuja compreensão pressupõe domínio pleno de códigos e de estruturas gramaticais, a compreensão do filme pode ser concebida, sobretudo em sociedades audiovisuais, como assunto ao alcance de todos e, por tal razão, dispensaria a reflexão, o conhecimento e, por conseguinte, o seu estudo.

Os filmes mais atrativos para os jovens da atualidade possuem construção típica: apresentam narrativas de fácil compreensão, representam modelos já consolidados no imaginário popular, são constituídos de forma linear, apresentam frequentemente um final feliz, apoiam-se em recursos técnicos cada vez mais sofisticados – características essas dos filmes realizados em Hollywood. Vale pontuar que a prática de apresentar filmes limitados a uma única cinematografia prejudica a relação com as cinematografias

locais e com outras tradições imagéticas, como as dos cinemas europeu e asiático, produções estas praticamente desconhecidas pelos jovens. De outra sorte, a apresentação de variadas tradições imagéticas pode proporcionar a imersão na visão de mundo de diferentes povos, por meio de seus filmes. Portanto, o contato com um grande número de filmes restrito a um único modelo pode não fortalecer a percepção crítica sobre o filme, pois a limitação a um único tipo de cinematografia tende a confinar a visão.

Objeto de educação da cultura visual

A educação da cultura visual nas escolas de ensino fundamental e médio pretende ocupar-se do estudo crítico de imagens, onde as imagens fílmicas ocupam um lugar privilegiado na vida dos adolescentes. Os filmes são vistos e apreciados no cinema, na TV e no computador, e sua influência é multiplicada e amplificada em *sites* específicos sobre o filme, em comentários no *facebook* e no *twitter*, em *CDs* e em *videoclips* relacionados, em jogos digitais e na reprodução de imagens em chaveiros, bonés, lápis, estojos, mochilas, tênis, meias, enfim, em uma grande variedade de objetos de consumo dos jovens, com grande abrangência no seu cotidiano imagético.

Ao aplicar o conceito de “cotidiano espetacular” de Dias (2012) à presença do filme no dia a dia dos jovens, especialmente quando o filme é utilizado na escola, observa-se que este meio imagético toma proporções extraordinárias, pela possibilidade de associar as imagens fílmicas, tanto à promoção de nossos desejos e escolhas, quanto à possibilidade de avaliar criticamente os códigos visuais e as ideologias. Filmes encantam, entretêm, atraem facilmente a atenção e os olhares dos alunos e, por fim, influenciam na formação de suas identidades e nas suas percepções de mundo. De acordo com Martins (2007), a ideia de que as imagens têm vida cultural e exercem poder psicológico e social sobre os indivíduos é o bordão que ampara a cultura visual.

Dando sequência a este raciocínio, é importante insistir na questão do poder psicológico e social que os filmes podem exercer sobre o indivíduo, especialmente sobre o jovem estudante, influenciando a formação da sua identidade. Adaptando os aspectos que devem ser observados na compreensão crítica dos artefatos visuais descritos por Sardelich (2006) para o uso do filme na escola como objeto de estudos em cultura visual, tem-se o aspecto histórico/antropológico – que aborda o filme como fruto do contexto no qual foi produzido, explicitando as conexões com os valores, costumes, crenças, ideias políticas e religiosas –, o aspecto estético/artístico – que aborda os sistemas de representação relacionados à cultura de origem dos produtores do filme, da

produção – o aspecto biográfico – que aborda as representações fílmicas que mantêm relações com os processos identitários e que participam da construção de valores, crenças e visões sobre a realidade – e o aspecto crítico/social – que aborda as representações que contribuem para a configuração atual das políticas sociais e das relações de poder.

O espectador ao assistir a um filme, alcança as visões de mundo de seus criadores, contempla expressões fílmicas que podem colaborar para o seu modo próprio de se relacionar com o mundo. Nesse aspecto, Martins e Tourinho (2011) tecem duas considerações sobre a influência que os filmes podem exercer sobre subjetividades de crianças, adolescentes e jovens. Inicialmente, afirmam que as crianças, adolescentes e jovens são, provavelmente, os mais influenciados pelo contexto, pelas informações, pelas referências e valores da cultura visual que os rodeiam. Em seguida, consideram que depois que seus interesses, conhecimentos, identidades e, principalmente, seus afetos são contagiados, essas influências incorporam-se aos seus modos de vida e passam a fazer parte de suas subjetividades e sensibilidades.

Na abordagem do filme como objeto de estudos da cultura visual, compreende-se que os objetos essencialmente visuais possam articular informações e significados, mas também sugestionar e, até mesmo, orientar as posturas e identidades dos jovens, influenciando sua prática social, bem como atuar na interpretação do seu meio ambiente.

Observa-se que o potencial educativo do filme não pode ser contemplado como um tema novo. No entanto, ainda há muito que se debater a respeito de seu emprego na escola. Na abordagem do filme como objeto pedagógico o objetivo principal é aprender determinado conteúdo disciplinar por meio do filme e no uso do mesmo como objeto da cultura o foco é aprender sobre ele. Já na atuação do filme como objeto de estudos da cultura visual a intenção é aprender sobre o modo como o filme nos representa e as práticas sociais influenciadas pelo filme. De tal sorte, que observa-se a influência do filme de modo relacional, no qual o filme tem ligações com outras fontes culturais e, é compreendido como um espelho do que somos e faz parte de uma rede de espelhos que se interrelacionam e refletem a face coletiva e os costumes que compõem a visão de mundo do nosso grupo social.

PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo explorar as abordagens do uso do filme comercial na prática escolar, tendo como campo de estudos o emprego do filme na

atividade educativa desenvolvida pela equipe de professores do CMB. A coleta de dados foi realizada no CMB por meio da aplicação de três instrumentos de pesquisa, respectivamente aplicados aos professores do 3º ano do ensino médio, aos alunos do 3º ano do ensino médio e aplicado por amostragem à todo o corpo docente do CMB.

O instrumento 1 dedicado apenas aos professores do 3º ano do ensino médio possibilitou conhecer a rotina de uso do Cineclube do Prevest. O instrumento 2, dirigido aos alunos do 3º ano do ensino médio buscou verificar a frequência e o interesse dos discentes pela atividade. O instrumento 3 foi empregado por amostragem à todo o corpo docente do CMB com a intenção de levantar dados sobre os professores na qualidade de espectadores de cinema e o uso do filme na sua prática educativa.

A principal motivação do uso de filmes editados ou em partes durante as aulas foi apontada como ilustração e desenvolvimento do conteúdo de forma estimulante, caracterizando, assim como nos filmes exibidos no contraturno pelo Cineclube, a primordial abordagem das fitas como objeto pedagógico. Secundariamente o uso dos filmes foi relatado como motivador de discussões sobre sexualidade, gênero, poder e preconceitos, sem relação direta e exclusiva com o conteúdo da disciplina, que pode palidamente ser entendido como o gérmen da abordagem dos filmes como objetos de estudo da cultura visual.

A relação dos filmes que o grande grupo de professores afirma ter usado em suas aulas e dos filmes que eles ainda tem interesse em exibir é grande e diversificada, apresenta desde filmes considerados cult e históricos até os filmes de ação e animações. Não foi assinalada preferência por filmes educativos e a polifonia advinda da heterogeneidade das fitas comerciais é notória. O que demonstra um professorado atento à visualidade cotidiana, com acurado interesse pelos objetos visuais de nossa cultura, e ainda, o reconhecimento desta equipe nos artefatos visuais como peças prenes de conhecimento e atuantes no desenvolvimento de saberes.

A relevância da utilização dos filmes no processo de ensino e sua contribuição na prática educativa com vistas ao estudo do conteúdo da disciplina foram destacadas pela quase totalidade dos professores, assegurando a utilização do filme especialmente vinculada à sua abordagem como objeto pedagógico. Mesmo assim, alguns poucos visualizam a utilização do filme que modo a extrapolar sua abordagem pedagógica,

Assim como os professores do Cineclube, o grande grupo de docentes do CMB mostrou-se otimista quanto às mudanças aguardadas nos alunos após a exibição de filmes no âmbito escolar, relatando principalmente maior interesse pelo conteúdo da disciplina e algum aumento do senso crítico em relação aos audiovisuais em geral.

Contudo, o foco das mudanças esperadas pelos professores é direcionado principalmente às expectativas de melhoria de desempenho do conteúdo disciplinar, o que reforça uma vez mais a predominância na abordagem do filme como objeto pedagógico.

Nota-se, porém, que as outras duas abordagens do filme, como objeto cultural e como objeto de educação da cultura visual receberam parcela significativa das expectativas dos professores com relação aos ganhos proporcionados pelo emprego dos filmes na escola. Especialmente pela maioria dos educadores que consideraram existir influência dos filmes na construção da identidade e nos valores dos jovens e ainda afirmam que esta influência poderia ser maximizada pelo uso do filme na sala de aula, com apoio do professor.

Do modo semelhante às exibições integrais de filmes realizadas pelos professores do Cineclube, o grande grupo de educadores que projeta parcialmente filmes em suas aulas enaltece a relevância de discussões após a exibição visando esclarecimentos sobre o contexto social, político e histórico do filme, privilegiando o relacionamento da película com o conteúdo disciplinar. E, apenas secundariamente o fazem com vistas a promover o debate sobre temas que influenciam a construção de identidades dos alunos, tais como questões de gênero, sexualidade, política, poder e preconceitos tais como músicas, livros e imagens, o que aproximaria o debate da abordagem do filme como objeto de estudos da cultura visual.

Esta investigação revela que, por um lado os educadores são quase unânimes ao reconhecer que filmes influenciam a construção de identidades e, por outro lado, estes mesmos docentes abordam o filme notadamente como objeto pedagógico e, em seus debates sobre o filme, quase não tocam em temas que participam da elaboração das subjetividades dos jovens. A que se deve tal incongruência? Pelo uso que fazem do filme, os professores parecem reconhecê-los como artefatos de significância na construção de saberes da atualidade e, pelo menos intuitivamente, o reconhecem como elementos visuais influenciadores de identidades e comportamentos. Entretanto, passam ao largo do uso do filme como objetos de estudos da cultura visual.

Um aspecto que pode ter influenciado o escasso uso do filme como objeto de estudos da cultura visual é a própria experiência da equipe de professores na apreciação de filmes. A equipe de professores sinalizou sentir-se atraída especialmente pelos aspectos ficcionais, relacionados ao faz-de-conta, à fantasia ou à história que o filme conta, tais como narrativa, roteiro e enredo. Do mesmo modo, os aspectos relacionados à emoção provocada pelo filme, assim como expectativa, suspense e emoção, foram

assinalados pelos professores como aqueles que mais chamam atenção ao assistir um filme. Além do mais, os docentes também apontaram que os aspectos reflexivos do filme, tais como a interpretação, contexto histórico, valores morais e mensagem, que podem ser considerados aspectos que contribuem para a percepção crítica do filme, foram aqueles que menos chamam a atenção da equipe de professores.

Isso demonstra que a equipe de professores, apesar de considerar que filmes promovem saberes, influenciam subjetividades e práticas sociais, tende a se relacionar com o filme como entretenimento, de modo imediato e pouco reflexivo. Considera-se que o raro uso do filme na prática pedagógica como objeto de estudos da cultura visual, com o foco no estímulo à reflexão por meio da visualidade, seja espelho do próprio modo como a equipe de professores se relaciona com o filme.

Os estudos de De Meis aludem um entendimento para esta manifesta incongruência. Segundo ele, existe um descompasso entre descobrir e ensinar, ou melhor, entre a produção de um novo saber e seu uso corrente na escola, quer como abordagem de ensino de algum conteúdo disciplinar, quer como tema transversal. Este descompasso é espelho do hiato existente, nas ciências em geral, entre o momento da descoberta científica e o início de sua utilização no meio social (DE MEIS, 2002). Logo pode-se admitir a existência deste descompasso em relação à produção de textos sobre os estudos de cultura visual e o uso dos filmes na prática educativa, no caso, do CMB. Visto que a maioria dos professores da instituição afirma ter concluído o curso superior há mais de 10 anos. Observa-se a literatura sobre educação da cultura visual tem sido produzida e divulgada no Brasil principalmente na última década. Deste modo, quando estes textos tornaram-se acessíveis à academia, a maioria dos professores do CMB já não se encontrava mais cursando a graduação.

Além disso, outro aspecto que reforça o distanciamento da equipe de professores do uso do filme como objeto de estudos da cultura visual é a raridade de leituras desta equipe sobre textos que relacionem filmes às práticas sociais, apresentando embasamento teórico quase nulo sobre o assunto. Nota-se aqui que apesar de metade dos professores afirmar ter realizado estudos sobre uso de novas mídias na educação, estas disciplinas não envolveram leitura sobre filmes e práticas sociais. Tal fato sugere que os estudos disciplinares sobre mídias na educação realizados nas disciplinas de graduação e pós-graduação cursadas pelos professores do CMB não focaram este aspecto da educação da cultura visual.

Considero o CMB como uma escola de excelência de ensino no meio educativo brasileiro, com corpo de professores permanente e qualificado, excepcional

infraestrutura e índices de ensino entre as melhores instituições do país. A defasagem verificada entre a publicação de documentos pertinentes aos estudos de cultura visual, produzidos no Brasil especialmente na última década e seu uso como abordagem de ensino do objeto fílmico no CMB é notória. E, possibilita supor que outras escolas encontrem-se vivenciando o mesmo hiato, o mesmo intervalo descrito por De Meis (2002) entre o desenvolvimento de um novo saber e seu emprego na prática educativa.

A produção acadêmica brasileira em torno dos estudos visuais e da cultura visual tem crescido e despontado na última década, vertendo livros, artigos e publicações diversas sobre o assunto. Mas, se os textos que abordam os estudos da visualidade oferecem exemplos de práticas de ensino com feição palatável para os docentes, é uma questão ainda a ser investigada. Estariam estes textos delineados com aspecto hermético ou acadêmico a ponto de não se tornarem atraentes ao professorado que labuta no dia-a-dia de nossas escolas? Careceriam os professores de material objetivo, com exemplos práticos, para o uso dos filmes e outros artefatos visuais em consonância com os estudos de cultura visual?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e Sons: A nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação: Polêmicas do Nosso Tempo**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

BREA, Jose Luis. Estética, Historia del Arte e Estudios Visuales. **Estudios Visuales**. Murcia: Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo, n. 3, p. 8-25. janeiro, 2006.

CHALMERS, F. Graeme. **Visual culture education in the 1960s**. *Art Education*, v.58, n. 6, p. 6-11. 2005.

DE MEIS, Leopoldo. **Ciência, Educação e o Conflito Humano-Tecnológico**. São Paulo: Editora Senac, 2ª edição, 2002.

DIAS, Belidson, **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Editora do Programa em Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) **Cultura das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: EdUFMS. P.55-73, 2012.

DOMÈNECH, Josep M C. **A Forma do Real – Introdução aos Estudos Visuais**. São Paulo: Summus Editorial, 2011

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUNCUN, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. Singularidades na educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: EdUFSM. p.15-30, 2011.

GARDIÉS. René. **Compreender o Cinema e as Imagens**. Lisboa: Texto e Grafia, 2007.

JACQUINOT. Genevieve. **La escuela frente a las pantallas**. Buenos Aires: Aique, 1996.

MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos de cultura visual. **Visualidades**. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual - FAV I UFG, 2007. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/lucianahidemi>, acessado em 17 janeiro 2012.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação da Cultura Visual: Conceitos e contextos**. Santa Maria: EdUFSM. 2011.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. Circunstâncias e ingerências da Cultura Visual In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação e Cultura Visual: : conceitos e contextos**. Santa Maria: EdUFSM. P.51-66, 2011.

MITCHELL, W.J.T. Mostrando El Ver: Una critica de la cultura visual. **Estudios Visuales**. Murcia: Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo, n. 1, p.17-40. novembro, 2003.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio: teoria complexa da comunicação. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 20, p.7-12, abril de 2003.

SARDELICH, Maria Emília. **Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa**. Educar, n. 27. Curitiba: Editora UFPR. p.203-219, 2006.

Belidson Dias Atualmente é professor adjunto IV do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Especializou-se nos estudos críticos da sexualidade, particularmente na Teoria queer, para analisar a Cultura Visual, especificamente o cinema, a fotografia, os quadrinhos e as Artes Visuais contemporâneas. Foca suas pesquisas em torno de questões da Educação e Visualidade e suas relações com Currículo, transculturalismo, multiculturalismo, pós-colonialismo, pedagogias culturais, sexualidade e gênero. Pos-doutorando na Universitat de Barcelona - UB, Espanha (2013/14), Doutor em Estudos Curriculares em Arte Educação - Artes Visuais, na University of British Columbia , UBC (2006) Canadá; Mestre em Artes Visuais - pintura – na Manchester Metropolitan University , MMU (1992), na Inglaterra; especialização na Chelsea College of Art & Design, CCA&D (1993), Inglaterra, e graduado em Artes Plásticas - Educação Artística, pela Universidade de Brasília, UnB (1989).

Maria de Fátima Zaupa é Mestre em Arte, na área de Educação das Artes Visuais/UnB; especialista em Educação/UCB e graduada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas e Desenho/UnB. Tem interesse em questões de educação e visualidade, especialmente em tópicos de desenho, fotografia, cinema e artes visuais contemporâneas. Leciona em graduações de Arte e Arquitetura

Recebido em: 25/07/2014

Aprovado em: 08/08/2014